



GUIA HISTÓRICO DE MACAPÁ: ROTEIROS DE LUGARES DE MEMÓRIAS DA CIDADE

ANGELA MARIA DOS ANJOS NASCIMENTO*

RESUMO: O presente estudo de mestrado versa sobre as novas perspectivas e abordagens metodológicas para o Ensino de História e apresenta uma proposta metodológica intitulada *Guia histórico de Macapá: roteiros de lugares de memórias da cidade*. A busca de metodologias para ensino de História que colaborem para a formação da consciência histórica e da autonomia diante do mundo e despertem interesse nos alunos nos levou a adotar a pesquisa como princípio educativo e da educação patrimonial como diretriz metodológica. E, ao tomarmos os lugares de memória da cidade como fontes para a reflexão sobre a experiência humana no tempo, muitas questões surgiram, como por exemplo: como lugares de Macapá podem contar, dar a entender e representar as histórias e as culturas macapaenses? Como utilizar esses espaços no ensino de História Local? Para dar conta destas questões o estudo de conceitos como memória, patrimônio histórico, cidade e lugar(es) foram imprescindíveis. Por isso, nomes como Nora, Ricoeur, Le Goff, Hartog, Selva Guimarães Fonseca e Maria de Lourdes Horta não poderiam ficar de fora desta reflexão. Pôde-se perceber que a educação patrimonial envolve metodologias como a história oral. E, antes de iniciar o trabalho com os alunos se faz necessário um intenso trabalho de pesquisa para que este tipo de projeto se torne realizável.

Palavras-chaves: memória, patrimônio histórico e ensino de História.

INTRODUÇÃO

O presente artigo se trata de um texto introdutório que visa apresentar as bases teóricas, linhas de pensamento e rota metodológica do projeto de pesquisa-ação por mim desenvolvido como estudo de mestrado em ensino de História – Profhistória/Unifap.

O livro *A docência em História: reflexões e propostas e ações* de Gil e Almeida inicia seu primeiro capítulo com duas questões centrais no âmbito do ensino: “Neste mundo em que a dispersão organiza a vida das pessoas, como construir contextos colaborativos de aprendizagem? A escola pode tornar-se um palco privilegiado para a integração de conhecimentos com vistas a compreender o mundo, participar e nele intervir criativamente?”¹

* Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Amapá – UNIFAP (2009), Especialista em História do Amapá pelo Centro Universitário UNINTER (2010), Especialista em História e Historiografia da Amazônia pela

Estas questões orientaram a busca por metodologias de ensino que viessem a fazer com que os alunos problematizassem suas próprias experiências e seu local de convívio, que refletissem sobre o seu lugar no mundo, sobre o seu tempo e as mudanças que nele ocorrem e, que os envolvessem de maneira dinâmica e interessante. Por esta razão, neste trabalho, primamos pela construção de uma metodologia de ensino de História para viabilizar a construção da consciência histórica, o respeito ao passado e ao patrimônio cultural da cidade por parte do alunado através dos lugares de memória.

Vivemos hoje um momento de muitas dúvidas quanto aos rumos da educação brasileira e quanto ao ensino de História. A partir da nova reforma do ensino médio (Lei nº 13.415, de 16 de fevereiro de 2017), a não obrigatoriedade do ensino desta disciplina (assim como de outras disciplinas) tornou central o debate sobre a importância dos rumos deste componente curricular dentro da Educação Básica.

A globalização e seus efeitos, por sua vez, principalmente no campo da informatização, nos levam a pensar como François Hartog², que indica que vivemos no presentismo, onde a principal característica é a permanência do transitório. Qual o lugar da História neste tempo? Métodos e técnicas de ensino precisam ser reformulados ou produzidos, para se problematizar uma sociedade que pouco valoriza o passado e que por vezes parece caminhar sem um norte. Nesse contexto, a história local pode ser então uma forma de ajudar o aluno a se orientar no tempo em que vive.

A história local tem ganhado espaço atualmente dentro do ensino de História³. O próprio processo de globalização tem colaborado para essa busca por raízes, diferenciais e

Unifap (2016) e também faz parte do quadro discente da Universidade Federal do Amapá - UNIFAP, no Programa de Mestrado em Ensino de História - PROFHISTÓRIA. E-mail: gelianjos@gmail.com

¹ GIL, Carmem Zeli de Vargas, ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *A docência em História: reflexões e propostas e ações*. Erechim: Edelbra, 2012, p. 09.

² HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Tradução de Andréa S. de Menezes, Bruna Breffart, Camila R. Moraes, Maria Cristina de A. Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

³ Nos últimos anos vem se percebendo um grande interesse pelo estudo da história local os títulos a seguir podem ilustrar esta afirmativa: “História local, arquivos familiares e o ensino” (capítulo do livro de Horn e Germinari *O ensino de História e seu currículo*), *O ensino de história local a partir de fotografias: relatos de experiência no ensino fundamental no Distrito de Mosqueiro – PA*, de Geraldo Magella Neto (artigo publicado na revista *Labirinto*, Porto Velho – RO, 2015), “Cotidiano e história local” (subcapítulo do livro *Ensino de História: Fundamentos e métodos*, de Circe Bittencourt), “A questão regional no currículo” (subcapítulo do livro *Repensando o ensino de História*, de Sônia Nikitiuk), “Considerações sobre história local” (artigo de Aldieres Caprini), *Qual o lugar da história local?* (texto de Luís Reznik), “Livro didático e ensino de história local no ensino fundamental” (artigo de Isabelle Noronha, apresentado no XXIV Simpósio Nacional de História 2007, Anpuh), “Ensino e pesquisa: história local através da produção de jornal” (artigo de Lademe de Sousa, *Revista Mosaico*, 2015), *História local: pesquisa, ensino e narrativa*, de Luís Reznik, *História local e identidade*, de Germinari e Buczenko, *História local: entre ensino e pesquisa*, de Queiroz, Souza e Nascimento Júnior,



especificidades. Stuart Hall aponta nesta direção, afirmando que “há, juntamente com o impacto do global, um novo interesse pelo local”, em outras palavras, paralela à tendência de homogeneização, nasce certo fascínio pelo diferente.⁴ Joaquim Justino Moura dos Santos acredita que o estudo da “História do lugar” tem aberto novas perspectivas como importante instrumento de recuperação e preservação das memórias e das identidades locais.⁵

DISCUSSÃO TEÓRICA DA TEMÁTICA

É nesta conjuntura que nasce este estudo intitulado *Guia histórico de Macapá: roteiros de lugares de memórias da cidade*. Este é o título do trabalho (produto) que vem sendo desenvolvido com alunos de 6º, 7º e 8º ano do ensino fundamental da Escola Estadual Cecília Pinto com os quais estou trabalhando em 2017 a disciplina Estudos Amapaense e Amazônico no turno da manhã. Estão envolvidos neste trabalho cerca de 270 alunos de nove turmas⁶ (2 turmas de 6º ano, 4 turmas de 7º ano e 3 turmas de 8º ano), com idades entre 10 e 16 anos. Algumas turmas têm grande distorção idade-série.

Este trabalho consiste na construção por/com eles de guias históricos da cidade. Pretende-se com isso que os alunos nos guiassem pela cidade seguindo roteiros por eles construídos com uma temática decidida em conjunto, valorizando tanto as memórias das pessoas quanto os lugares tomados como suportes materiais dessas memórias e marcas indelévels da história da cidade.

Portanto, nosso objeto de pesquisa são os *lugares de memória* de Macapá. Lugares de memória, conceito de Pierre Nora, que salienta a necessidade de criação desses lugares, posto que, no mundo contemporâneo as memórias correm certo risco de se extinguirem, afinal elas não são naturais, por isso é preciso criar arquivos, manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, etc. Os lugares de memória são defesa

de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de

apresentado no X Encontro Regional Nordeste de História Oral, 2015. Se pode perceber que esta temática abrange tanto a historiografia e teoria da História quanto o seu ensino escolar.

⁴ HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p. 77.

⁵ SANTOS, J. J. dos. História do lugar: um método de ensino e pesquisa para escolas de nível médio e fundamental. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 9(1): 105-25, jan.-abr. 2002.

⁶ Ministramos aulas de História para duas turmas de 8ª série (equivalente ao 9º ano) no turno da tarde, mas essas turmas ficaram de fora do projeto, pois, as mesmas faziam parte do ensino fundamental de 8 anos, e por esta razão, não contemplavam em sua matriz curricular a disciplina Estudos Amapaense e Amazônico, disciplina que foi suporte para o projeto de intervenção.



memória. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de construí-los.⁷

Lugares de memória de Macapá estão sendo tomados como espaços educativos passíveis de pesquisa, diálogo e apropriação. Tais lugares que povoam as memórias dos moradores e ajudam estes a contar a história da cidade. Alguns ainda mantêm suas características originais, outros foram parcialmente modificados, atendendo a novas demandas sociais. Existem ainda aqueles que radicalmente perderam espaço para novos usos e significados, mas, que ainda estão nas memórias das pessoas e que de alguma maneira representam parte da diversidade cultural e histórica macapaense. Assim, a tríade temática *memória, patrimônio histórico e ensino de História* compõe a base do objeto pesquisado.

A construção de guias históricos da cidade com/pelos alunos é uma proposta metodológica para o ensino-pesquisa de História que exige reflexões acerca das memórias que os alunos, seus familiares e vizinhos têm dos lugares em que vivem, o que é tido como patrimônio cultural da cidade, e a pesquisa e a memória como fonte para o estudo da história. Percorrer Macapá numa viagem temporal-espacial é conhecer as mudanças, permanências, funções e usos desses locais através do tempo. Por meio da fabricação participativa de um guia, objetivamos chegar aos lugares existentes nas lembranças dos alunos, sondando as memórias já existentes, apresentando outras, aguçando curiosidades em relação a espaços socialmente construídos, levando cada um a edificar lugares em suas memórias.

A definição da palavra guia em si já carrega uma grande dose de poder: ato ou efeito de guiar, indica direção, que encomenda, que dirige, salvo-conduto. Um guia, normalmente, nada mais é do que uma mídia, geralmente impressa, que traz informações sobre determinado destino, atrativo ou roteiro turístico. O guia aqui apresentado propõe uma digressão temporal através do estudo dos lugares de memória da cidade, lugares que auxiliam na compreensão da constituição da localidade ao longo do tempo e que concomitantemente fazem os sujeitos de/em Macapá se sentirem parte da cidade, assim como construtores do seu próprio saber. Anna Cipparone afirma que o guia histórico “é uma forma de seus moradores conhecerem a própria história, dos bens culturais que marcam o seu passado, e definem suas origens” e

⁷ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, nº 10, dez. 1993, p. 13.



acrescenta que “um povo que bem se conhece e ama a sua história é um povo que consegue se propor aos outros”.⁸

O estudo de lugares de memória como fonte para o conhecimento da História local no ensino fundamental se insere no que podemos chamar de um novo campo do conhecimento historiográfico. Um campo que envolve discussões e polêmicas acerca da transposição didática de metodologias da pesquisa historiográfica para o ensino dentro de escolas. A busca de metodologias de ensino de História que despertem interesse e gerem melhores resultados no que tange à formação da consciência histórica e da autonomia diante do mundo nos levou ao uso da pesquisa como princípio educativo e da educação patrimonial como diretriz metodológica. E, ao tomarmos os lugares de memória da cidade como fontes para a reflexão sobre a experiência humana no tempo, muitas questões surgiram, como por exemplo: como lugares de Macapá podem contar, dar a entender e representar as histórias e as culturas macapaenses? Como utilizar esses espaços no ensino de História Local?

Para responder estes e outros questionamentos partimos de algumas hipóteses aqui elencadas: 1) a história da cidade de Macapá pode ser constituída e estudada a partir das memórias de lugares de seus moradores; 2) o uso da educação patrimonial e da pesquisa histórica no ensino de História é um recurso didático que ajuda a desenvolver o conhecimento e o respeito pelo patrimônio histórico local e pelas memórias da cidade, assim como, estimula uma postura autônoma do aluno diante da construção de conhecimento; 3) a história da cidade é pouco conhecida pela população em geral, principalmente pelos mais jovens, por isso alguns lugares históricos são desconhecidos e/ou pouco valorizados; 4) a falta de diálogo entre os moradores mais antigos e os mais novos ou recentes intensifica o processo de esquecimento ou amnésia coletiva, dificultando um vínculo afetivo com o local, fonte de respeito pelos lugares de memória da cidade; 5) Macapá é uma cidade culturalmente eclética por seu histórico de migrações, mas essa característica é pouco notada, pois, alguns lugares (e expressões histórico-culturais) ganham politicamente mais destaque em detrimento de outros.

As inferências acima citadas nascem da compreensão de que a História local oferece uma gama de possibilidades para o ensino e se constitui num componente significativo da produção do conhecimento em História. E por meio do projeto de intervenção nas turmas de ensino fundamental considera-se pertinente e relevante a utilização de memórias de lugares da cidade para estimular o interesse dos alunos pelo estudo da História. A adoção da metodologia

⁸ Apud MARIUZZO, Patrícia. *Guias histórico-turísticos buscam identidade e atrativos nacionais*. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v61n4/23.pdf>>. Acesso em: 09 de nov. 2016.



de construção de guias históricos pretende que os alunos do Ensino Fundamental desenvolvam uma identificação (empatia) com o local de vivência e um maior grau de autonomia na construção do conhecimento. Em outras palavras, objetivamos: a) conhecer a história dos lugares de memória já institucionalizados e/ou mais divulgados pela mídia local; b) de forma participativa investigar e conhecer outros lugares de memórias que mesmo não sendo oficialmente reconhecidos, ocupam lugar de destaque na memória coletiva (popular: alunos, familiares, etc.) e/ou na história; c) com o intuito de construir uma História significativa e valorada pelos estudantes, relacionar memória, patrimônio e ensino de História, por meio de pesquisas, de leituras e de escritas da história de Macapá pelos alunos, com o auxílio de seus familiares; d) Produzir guias históricos com roteiros temáticos por lugares da cidade.

No tempo em que vivemos com tantas tecnologias e mídias informacionais e de entretenimento cada vez mais atrativas, tem se tornado cada vez mais difícil fazer com que os jovens (e até os adultos) se interessarem pelo estudo da História. Igualmente, percebemos que todo esse acesso à informação e as novas formas de relacionamento (ou isolamento) social não são garantias para produção de uma sociedade bem informada, consciente e cidadã. E sendo papel da História, como disciplina escolar, a “formação social e intelectual de indivíduos para que, de modo consciente e reflexivo, desenvolvam a compreensão de si mesmos, dos outros, da sua inserção em uma sociedade histórica e da responsabilidade de todos atuarem na construção de sociedades mais igualitárias e democráticas”⁹, faz-se imperativa a busca por metodologias de ensino de História que possam fazer esse agenciamento.

Este estudo se alicerça nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que, desde a sua publicação nos anos 1990, apontam como um dos objetivos da disciplina História estabelecer correspondências entre passado e presente (noções de diferença e semelhança, transformação e permanência). Os *Parâmetros* propõem temas como ética e pluralidade cultural, no intuito de descobrir diferentes identidades, tornando os alunos sabedores/conscientes da diversidade cultural da sua época. Por outro lado, Ana Rita Martins, em seu artigo intitulado “O que ensinar em História”, afirma: “Os estudantes só aprendem a

⁹ BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História*. Brasília: MEC/SEF, 1997, p. 29.



disciplina quando relacionam fatos, confrontam pontos de vista e consultam diversas fontes de pesquisa”.¹⁰,

O conceito de *lugares* abrange bens materiais e imateriais que compõem aquilo que chamamos de cultura. O *lugar* envolve a configuração física/ambiente, atividades ali desenvolvidas e os significados a este atribuídos. Eduardo Marandola Jr. em “A identidade e autenticidade dos lugares” afirma que esses três componentes:

são compostos, não monolíticos. Segundo Relph, a configuração física envolve tanto a natureza (Terra) quanto o ambiente construído, enquanto as atividades podem ser criativas ou destrutivas ou passivas, coletivas ou individuais. E os significados possuem atribuições e significantes muito distintos e mutantes.¹¹

Buscamos um ponto de amarração dentro da diversidade de alunos e séries/anos onde foi desenvolvido o projeto. Ao nos depararmos com estudantes vindos de muitos bairros diferentes e ainda aqueles advindos de lugares mais distantes (outras cidades), decidimos adotar *cidade* como categoria, por ver nesta o ponto de convergência entre eles (todos são moradores urbanos). Além disso, o estudo da cidade é um tema presente na matriz curricular de todas as séries/anos com as/os quais pretendíamos construir nossa proposta de intervenção. Vale ressaltar que trabalhamos com turmas de 6º, 7º e 8º ano na disciplina Estudos Amapaense e Amazônico¹², que mescla conhecimentos de História e Geografia local.

Sobre esta disciplina, o documento *Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Amapá* destaca que:

O componente curricular Estudos Amapaenses e Amazônicos poderá ser ministrado tanto pelos professores de História quanto de Geografia, com carga horária de 80 aulas anuais, para atender do sexto ao nono ano do fundamental. A criação deste componente traz de imediato o desafio de transformar e sistematizar histórias, sons, silêncios, credices, ciências, política, mistério, contos e causos sobre Amazônia e o Amapá em conhecimento e informações para aqueles que nela habitam e assim, apropriarem-se desse patrimônio regional local.¹³
[...]

¹⁰ MARTINS, Ana Rita. *O que ensinar em História*. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1791/o-que-ensinar-em-historia>> Acesso em 23 de mar. 2017.

¹¹ MARANDOLA JR, Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: O pensamento de Heidegger em *Place and placeless*, de Edward Relph. Trabalho apresentado no Espaço de Socialização de Coletivos “Perspectivas fenomenológicas da geografia”, durante o XVI Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Porto Alegre, Julho 2010, p. 03.

¹² A disciplina Estudos Amapaense e Amazônico foi instituída pela resolução do Conselho Estadual de Educação – CEE - nº 56 de 25 de agosto de 2011 e compõe a parte diversificada do currículo estadual e substituiu a disciplina Oficina de Projetos, que antes formava a parte diversificada do currículo escolar.

¹³ AMAPÁ, Governo do Estado do Amapá, Secretaria de Educação do estado do Amapá. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Amapá: Estudos Amapaense e Amazônico*. Macapá-AP: Seed/ap, p. 113.



O Componente Curricular Estudos Amapaenses e Amazônicos surge nesse contexto, onde não apenas se reconhece que a diversidade cultural está presente no ambiente educativo da escola, mas que, principalmente, o currículo seja um proponente de valorização e respeito à cultura do outro. Vem considerar como um dos elementos de busca na construção de conhecimentos, as vivências educativas de interação cultural, objetivando fortalecer cada vez mais a afirmação da liberdade, da autonomia e do respeito ao outro.¹⁴

Pelo fato de termos no currículo escolar uma disciplina que contempla os estudos locais/regionais e de trabalharmos com esta disciplina (e também com a disciplina História) desde 2013, a utilizamos como base para a produção de um projeto de intervenção que respeitasse os conteúdos e objetivos da disciplina e as peculiaridades de cada turma e seus saberes. A cidade de Macapá, através de seus lugares de memória e a memória de seus lugares foi o ponto de convergência entre alunos e currículo escolar.

A cidade possui histórias próprias que, de acordo com Lídia Maria Viana Possas, “precisam ser identificadas, vitalizadas pela ação do relato-memória fortalecendo a consciência histórica, o sentimento de pertencimento, de identidade”.¹⁵ E o ensino de História atualmente se abre para a diversidade cultural e tende para o uso da pesquisa histórica que, segundo os PCNs, possibilitam reflexões que problematizam a realidade social e identificam a participação ativa de pessoas comuns na construção da História, instigando “propostas e métodos de ensino que valorizam os alunos como protagonistas da realidade social e da História e sujeitos ativos no processo de aprendizagem”.

A história de uma cidade pode ser contada, entendida e constituída através do estudo dos diversos lugares que a compõem. E nestes a história pode ser vivenciada/experimentada, pois eles evidenciam a diversas experiências vividas no espaço urbano e nos permitem interagir com suas transformações ao longo do tempo. Conforme destacamos, estes lugares podem ser físicos ou virtuais, ou seja, espaços concretos, passíveis de visita, ou ainda aqueles que povoam as apenas as mentes das pessoas, as suas lembranças/memórias, com os quais os sujeitos mantêm relações de identidade, de afetividade.

Alguns já são institucionalizados e transformados em pontos turísticos, como a Fortaleza de São José de Macapá, a Igreja de São José, o Museu Joaquim Caetano da Silva, o Museu Sacaca, etc. Dentre esses há aqueles amplamente reconhecidos e visitados, outros nem tanto, e até aqueles que são desconhecidos da maior parte da população. Contudo, lugares

¹⁴ *Ibidem*, p. 115.

¹⁵ POSSAS, Lídia Maria Viana. “história do lugar. identidade e cidadania: as tradições e fotografia como o resgate da História dos bairros de Marília”. Desdobramento do Projeto de Extensão “História do Lugar. Identidade e Cidadania: Marília e seus problemas criminais” integrado ao Grupo de pesquisa – GUTO - Grupo Urbano de Trabalho Organizado, do Núcleo de Ensino da FC/Unesp/Marília, p. 273.



com notória visibilidade turística, por vezes têm sua significância histórica esquecida por vários motivos: falta de conhecimento da história do lugar, novos usos que os ressignificam e falta de informações históricas acessíveis às novas gerações.

Porém, há também lugares não legitimados ou não destacados no discurso hegemônico, que estão nas memórias dos moradores de Macapá, mas que correm risco de ali se encerrarem por não serem conhecidos como parte significativa da constituição da cidade. As novas gerações veem amiúde esses lugares como “ultrapassados”.

Outrossim, construir conhecimento histórico a partir do local de vivência dos alunos e do conhecimento que eles tem destes lugares é uma forma de aproximar o alunado de um aprendizado mais autônomo e estimulante. Na nossa experiência como professora de História da Educação Básica, no ensino médio e fundamental (anos finais), temos percebido que os jovens, na sua maioria, envoltos pela cultura imediatista/presentista, veem o lugar onde vivem como se ele fosse sempre assim, da mesma forma. Sem conseguir conectar a estes lugares um sentido histórico. É um grande desafio na atualidade pensar novas possibilidades metodológicas que mobilizem alunos e professores em torno de um ensino-aprendizagem de História para além dos modelos tradicionais já constituídos.

9

PERCURSO METODOLÓGICO

Tendo em vista isso e levando em consideração que o trabalho do professor de História não precisa se limitar às tradicionais fontes e métodos de ensino e nem ao espaço de sala de aula é que pensamos em uma proposta metodológica participativa que fosse ao encontro dos desafios atuais, que levasse em consideração os limites e possibilidades do cotidiano do nosso ambiente de trabalho e que pudesse levar a pesquisa para sala de aula (e fora dela também) como um princípio educativo. Entendemos que a metodologia desenvolvida contribui para o aguçamento da curiosidade do aluno, gerando inquietude em relação ao mundo circundante e autonomia intelectual orientada pela busca de soluções e os leve a produzir novos conhecimentos.

O projeto de pesquisa *Guia Histórico de Macapá: roteiro de lugares de memórias* é uma de intervenção pedagógica dentro do ensino de História Local está baseado em procedimentos metodológicos da educação patrimonial sugeridos no manual de aplicação de inventários do Iphan, intitulado *Educação Patrimonial: inventários participativos*¹⁶, em

¹⁶ BRASIL, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. *Educação Ambiental: inventários participativos: manual de aplicação*. Texto, Sônia Regina Rampim Florêncio et al. Brasília-DF, 2016.



procedimentos do *Projeto de aula História e Educação Patrimonial* de Ana Cristina Provin Guzzo¹⁷ e do *Programa de Aceleração da Aprendizagem*¹⁸, com o qual trabalhamos durante quatro anos. Fizemos uma mesclagem dos procedimentos dos materiais citados sem, no entanto, seguir na íntegra qualquer deles, tendo em vista que nenhum contemplava totalmente os objetivos almejados. As hipóteses da pesquisa foram testadas o que deu ao trabalho um caráter comprobatório.

Da metodologia de inventários pedagógicos do Iphan adotamos as fichas de aplicação que serão adaptadas e reduzidas, sendo retirados alguns itens, pois, nosso objetivo não é fazer um inventário tão minucioso. Do trabalho de Guzzo aproveitamos e adaptamos os questionários utilizados por ela, pois os mesmos são direcionados para a pesquisa com objetos, e nosso estudo contempla lugares. Já do *Programa de Aceleração da Aprendizagem* fizemos uso da forma como encaminhar as aulas, sua dinâmica e algumas atividades, que foram ajustadas ao público (séries/anos, idades e finalidades). Então, para que o mesmo projeto pudesse ser aplicado em séries/anos e turmas diferentes foram necessários assentes, atentando para os diferentes lugares pesquisados, níveis de exigência e idades.

O projeto de pesquisa-intervenção pedagógica se dividiu em cinco etapas: 1) conhecimento prévio do universo pesquisado; 2) elaboração do projeto de intervenção; 3) execução do projeto de intervenção; 4) redação da dissertação; 5) compilação das atividades desenvolvidas com os alunos no Guia histórico como proposta metodológica para o ensino de História Local.

Para desenvolver o projeto utilizamos diversas fontes. Para a parte preliminar (construção do projeto) analisamos: livros e artigos sobre teoria e metodologia da pesquisa e do ensino de História, livros didáticos de História e Geografia, manuais de projetos escolares, leis, PCNs, diretrizes educacionais federais e estaduais, etc. E para o trabalho com os alunos usamos: primeiramente, sondagem de verificação do conhecimento prévio dos estudantes acerca da temática (por meio de rodas de conversa e aplicação de questionários em forma de atividades em sala de aula e para casa)¹⁹, entrevistas feitas pelos alunos com antigos

¹⁷ GUZZO, Ana Cristina Provin. *A importância do estudo do patrimônio histórico para o resgate da memória*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2512-8.pdf>>. Acesso em 25 de ago. 2016.

¹⁸ PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DA APRENDIZAGEM. Coordenação Maria Helena Araújo dos Santos; ilustração Maria Ângela Haddad Villa. Guarulhos/SP: Parma, 2004. O material do programa era composto por 07 livros com projetos dos quais utilizamos como apoio dois: Projeto 1: Quem sou eu? e Projeto 4: Minha cidade.

¹⁹ As primeiras atividades desenvolvidas com os estudantes constituíram-se de atividades de autoconhecimento do aluno. Sendo as pessoas (moradores de Macapá) parte central do trabalho, porque são elas que fazem os



moradores da cidade (pais, avós, vizinhos, etc.), textos avulsos e materiais de divulgação sobre os lugares e manifestações, livros didáticos e paradidáticos, vídeos e/ou documentários, observações *in loco* (em praças, prédios, mercados, monumentos, igrejas, museus, etc.²⁰) e websites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação patrimonial vem se mostrando um terreno promissor para o ensino de História, visto que propicia ao aluno a experiência da interação com seu objeto de estudo e a produção do próprio conhecimento. Surge como uma possibilidade metodológica que foge do modelo tradicional de ensino, pois, leva o ensino de História para além da sala de aula, e mais que isso, o envolve como agente, na medida que este passa a ser parte atuante na construção de seu próprio conhecimento. O trabalho com a educação patrimonial ao aproximar-se de culturas diversas, com tempos outros, pode propiciar uma educação para o respeito, a tolerância, para a vida cidadã.

Este trabalho, ainda em curso, tem colaborado para que os alunos venham a (re)conhecer a cidade de Macapá em outros tempos, com outras configurações e vem aguçando sua curiosidade e levando-os a reconhecer e compreender mudanças e permanências ocorridas no espaço e relaciona-las com aspectos políticos, ambientais, sociais e culturais. E acima de tudo oportunizou reflexões e inquietações acerca de suas responsabilidades sociais como cidadãos, o que colabora para a construção sócio-identitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMAPÁ, Governo do Estado do Amapá, Secretaria de Educação do estado do Amapá. *Diretrizes Curriculares da Educação Básica do Estado do Amapá: Estudos Amapaense e Amazônico*. Macapá-AP: Seed/AP.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

lugares, que os constroem física e mentalmente, primamos por deixar claro que eles, os alunos, e suas memórias de lugares seriam parte fundamental na metodologia. Deixando claro que estes ao se conhecerem conhecem o lugar (a cidade) e ao conhecer o lugar conhecem a si mesmos, introduzindo assim noções relativas à identidade.

²⁰ Estas observações *in loco* foram incentivadas através de rodas de conversa, durante a escolha dos lugares pesquisados e este era mesmo um dos objetivos do trabalho: incentivar a apropriação do local transformando-o assim em lugar de fato. Sabendo que o deslocamento de cada equipe, com nosso acompanhamento, a cada lugar da cidade selecionado pelos alunos, seria extremamente difícil devido ao número de alunos (turmas e equipes) envolvidos no projeto, orientamos e motivamos que estes fizessem essas visitas acompanhados de seus familiares, o que de certa forma engrandece o trabalho, envolve mais pessoas e aproxima a família da escola. Esta postura metodológica de aproximação entre família e escola foi estimulada em outras atividades do projeto, tais como deveres de casa.



BRASIL. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). *Educação Patrimonial: inventários participativos: manual de aplicação*. Texto, Sônia Regina Rampim Florêncio *et al.* – Brasília-DF, 2016.

GIL, Carmem Zeli de Vargas, ALMEIDA, Dóris Bittencourt. *A docência em História: reflexões e propostas e ações*. Erechim: Edelbra, 2012.

GUZZO. Ana Cristina Provin. *A importância do estudo do patrimônio histórico para o resgate da memória*. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2512-8.pdf>>. Acesso em 25 de ago. 2016.

HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo*. Tradução de Andréa S. de Menezes, Bruna Breffart, Camila R. Moraes, Maria Cristina de A. Silva e Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MARANDOLA JR, Eduardo. Identidade e autenticidade dos lugares: O pensamento de Heidegger em *Place and placeless*, de Edward Relph. Trabalho apresentado no Espaço de Socialização de Coletivos “Perspectivas fenomenológicas da geografia”, durante o XVI Encontro Nacional de Geógrafos, realizado em Porto Alegre, Julho 2010.

MARIUZZO, Patrícia. Guias histórico–turísticos buscam identidade e atrativos nacionais. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v61n4/23.pdf>>. Acesso em: 09 de nov. 2016.

MARTINS, Ana Rita. *O que ensinar em História*. Disponível em:< <https://novaescola.org.br/conteudo/1791/o-que-ensinar-em-historia>> Acesso em 23 de mar. 2017.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo, nº 10, dez. 1993.

POSSAS, Lídia Maria Viana. “história do lugar. identidade e cidadania: as tradições e fotografia como o resgate da História dos bairros de Marília”. Desdobramento do Projeto de Extensão “História do Lugar. Identidade e Cidadania: Marília e seus problemas criminais” integrado ao Grupo de pesquisa – GUTO - Grupo Urbano de Trabalho Organizado, do Núcleo de Ensino da FC/Unesp/Marília.

PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DA APRENDIZAGEM. Coordenação Maria Helena Araújo dos Santos: ilustração Maria Ângela Haddad Villa. Guarulhos/SP: Parma, 2004. Projeto 1: Quem sou eu? e Projeto 4: Minha cidade.

SANTOS, J. J. dos. História do lugar: um método de ensino e pesquisa para escolas de nível médio e fundamental. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*. Rio de Janeiro, vol. 9(1): 105-25, jan.-abr. 2002.

